

Entrevista ■ FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Fernando Henrique trocou a academia pelo mundo da política e saiu de ministro braço direito do presidente Itamar Franco, em 1994, para o posto de chefe de Estado depois de conduzir uma virada econômica no país com o Plano Real. Depois da estabilização da moeda, o tucano foi conduzido duas vezes ao Palácio do Planalto. O sociólogo foi o primeiro presidente a exercer totalmente o mandato depois da redemocratização.

É comum um presidente ser reeleito com maioria expressiva dos votos e o debate sobre a sucessão de 2010 ser tão intenso, como aquele a que assistimos agora?

Não é comum uma antecipação do debate sucessório de quase quatro anos. Como, entretanto, o segundo mandato nasceu tão lentamente, pois o governo gastou quatro meses só para formar o ministério, e veio tão sem novidade, que os analistas, jornalistas e políticos, para escapar da mesmice, desejam virar logo a página.

Da redemocratização até hoje, o Parlamento brasileiro amadureceu?

Tenho tristeza em reconhecer que o aperfeiçoamento do Legislativo anda muito lentamente. As mesmas práticas regimentais, a mesma falta de iniciativa, a ausência de verdadeiro debate político continuam marcando o dia-a-dia do Congresso. Já houve momentos melhores, já houve mais energia, mas parece que tudo se desgastou. Dessa forma, a sociedade não se sente representada no Legislativo, e este quase nada faz para mudar as regras do jogo. Além disso, muitos parlamentares terminam por se acomodar às velhas práticas que os transformam em despachantes de luxo, batendo às portas do Executivo para obter uma ou outra benesse para suas regiões ou para seus apoiadores.

“O PSDB combate, mas nem sempre faz o trabalho diário”

Josie Jerônimo

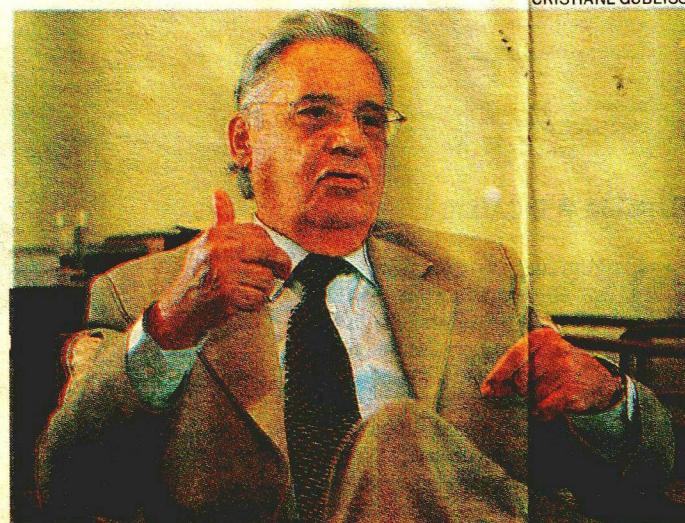
Enquanto tucanos-reis fazem visitas a outros ninhos e voltam com a plumagem avermelhada, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) segue firme como opositor do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Silencioso durante grande parte do primeiro mandato de Lula, FH faz o possível para ser o cimento que pode reajuntar o partido.

O ex-presidente observa com olhar crítico a tentativa do governo de seduzir os tucanos do Congresso. Condena também os parlamentares que se deixam levar pelas benesses do Executivo e se tornam “despachantes de luxo”.

O tucano faz questão de lembrar que o Bolsa Família nasceu em seu governo, com programas sociais sob outros nomes. O ex-presidente observa que a distribuição de

dinheiro retira parte da responsabilidade dos ministérios em promover melhorias sociais.

FH não acredita que o PSDB deva fazer oposição nos mesmos moldes do PT, mas acha que os correligionários trabalham pouco quando o assunto é incomodar: “O PSDB dá o combate ao governo em tese, mas nem sempre faz o trabalho diário de tomar cada medida e de expor os defeitos que o governo tenha à opinião pública”, disse ao JB.



CRISTIANE GUBESSI

Como o senhor analisa a execução dos programas sociais do governo Lula?

O governo juntou os programas sociais anteriormente existentes em um só: o Bolsa Família. Ampliou a dotação de recursos e o número de beneficiários. Isso teve, naturalmente, grande aceitação

por parte desses últimos. Entretanto, se não houver maior controle de quem são os beneficiários, se realmente necessitam do apoio e, principalmente, qual é a contrapartida, por exemplo, as crianças freqüentam mesmo as escolas? As gestantes fazem o pré-natal? Ter-se-á criado uma

porta de entrada ao auxílio público sem promoção social verdadeira e sem que se veja no horizonte como as famílias atendidas poderão sair da condição de dependentes do Estado. Foi por isso que sempre olhei com cautela os intentos de juntar todos os programas em um só, distanciando-os dos ministérios que devem zelar especificamente pelo cumprimento dos objetivos sociais do programa: mais educação, melhor saúde.

O PSDB é tão eficiente na oposição como foi o PT?

Não. O PT tinha obsessão oposicionista e pouco amor ao interesse público. Combatia qualquer medida do governo, fosse boa ou má, mesmo porque não admitia a distinção. Combateram até aumento de salário dos professores pela via do Fundef, só para estigmatizar o governo. O PSDB dá o combate ao governo em tese, mas nem sempre faz o trabalho diário de expor à opinião pública os defeitos que o governo tenha.

A tentativa dos Democratas (ex-PFL) de tentar mudar a imagem da sigla foi uma iniciativa acertada?

Só o tempo dirá. É medida audaciosa. Veremos.

Quem o senhor acha que seria o melhor nome para liderar a oposição em 2010?

É muito cedo para escolher quem liderará a oposição em 2010. No fundo, o povo escolherá o candidato, pois as pesquisas de opinião consagrão quem tiver mais chances. Isso não dependerá da escolha de líderes partidários mas da avaliação do eleitorado sobre o desempenho dos líderes. Até chegar-se a essa, o importante será manter a unidade.

A abundância de nomes pode causar uma luta fratricida?

Não acredito em luta fratricida, pois todos sabem qual será o critério decisivo para a escolha, assim como sabem que sem união a vitória fica muito difícil.